

GROUNDING THEORY: INCORPORANDO TEMAS ASSOCIADOS ÀS MINORIAS EM PESQUISA DE MEDIATIZAÇÃO

GROUNDING THEORY: INCORPORATING THEMES ASSOCIATED TO MINORITIES IN MEDIATIZATION RESEARCH

Francisco Leite *

RESUMO:

A proposta deste artigo é organizar um levantamento bibliográfico que viabilize uma compreensão acerca da metodologia qualitativa *grounded theory* construtivista em pesquisas de mediação, apresentando suas noções conceituais, alguns de seus fundamentos e escolas, bem como os seus principais procedimentos e técnicas. Também objetiva orientar os leitores a assegurar e incorporar no processo da pesquisa o foco em temas associados à diversidade de minorias.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia, *grounded theory*, mediação, minorias.

ABSTRACT:

The purpose of this article is to organize a bibliographical research that allows understanding about grounded theory methodology in mediatization research, presenting its conceptual notions, some of its foundations and schools, as well as its main procedures and techniques. It is also objective to guide readers on how to ensure and incorporate in the research process the focus on themes associated to minorities.

KEYWORDS: Methodology, *grounded theory*, mediatization, minorities.

INTRODUÇÃO

*Grounded theory*¹ é uma metodologia qualitativa que se configura como abordagem de pesquisa intersubjetiva alicerçada em dados², que são construídos e revelados a partir de um processo dialógico entre pesquisador e pesquisado.

* Doutor em Ciências da Comunicação pela USP. Pesquisador associado do Centro de Comunicação e Ciências Cognitivas (4C) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: fcoleite@usp.br.

A produção e a análise qualitativa na *grounded theory* não se referem aos procedimentos que objetivam a

quantificação de dados qualitativos, mas, sim, ao processo não-matemático de interpretação, feito com o objetivo de descobrir conceitos e relações nos dados brutos e de organizar esses conceitos e relações em um esquema explanatório teórico (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 24).

Dessa maneira, essa metodologia geralmente é utilizada em pesquisas que objetivam

explorar áreas substanciais sobre as quais pouco se sabe ou sobre as quais sabe-se muito, para ganhar novos entendimentos (Stern, 1980). Além disso, métodos qualitativos podem ser usados para obter detalhes intrincados sobre fenômenos como sentimentos, processos de pensamento e emoções que são difíceis de extrair ou de descobrir por meio de métodos de pesquisa mais convencionais (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 24).

Com esse entendimento, a principal proposição e fruto dessa orientação metodológica é a construção de teorias substantivas (conceito a ser explorado no avançar das reflexões deste artigo) empiricamente fundamentadas. Essas teorias devem ser capazes de explorar e articular explicações baseadas nas realidades em foco, explorando determinados fenômenos sociais e psicossociais vividos. O seu proceder

visa compreender a realidade a partir da percepção ou significado que certo contexto ou objeto tem para a pessoa, gerando conhecimentos, aumentando a compreensão e proporcionando um guia significativo para a ação (DANTAS et. al., 2009, p. 2).

As pesquisas que utilizam a *grounded theory* invocam um raciocínio abduutivo, isto é, elas se desenvolvem mediante um raciocínio que se inicia

com a análise dos dados e após o exame minucioso desses dados serão consideradas todas as explicações possíveis para os dados observados e, então, formulam-se hipóteses a serem ou não confirmadas até que o pesquisador chegue à interpretação mais plausível dos dados observados (CHARMAZ, 2009, p. 249).

Nesse ínterim, os resultados a serem construídos pelo realizar metodológico da *grounded theory* serão orientados, em síntese, por “um tipo de raciocínio que, sem deixar de ter forma lógica, tem um caráter instintivo e é, antes de tudo um processo vivo de pensamento” (SANTAELLA, 2001, p. 121)³. Isso estará ancorado nos dados construídos durante o processo da pesquisa.

Dessa forma, considerando a potencialidade dessa metodologia para construir pesquisas em midiatização⁴, o objetivo deste artigo é de ofertar ao leitor/à leitora uma compreensão acerca da *grounded theory*, apresentando as suas noções conceituais, alguns de seus fundamentos e correntes, bem como os seus principais procedimentos e técnicas. Um recorte especial será dado à corrente construtivista (CHARMAZ, 2009) da metodologia. Nessa direção, também é objetivo orientar formas de assegurar, no processo da pesquisa, a incorporação de temas associados à diversidade de minorias.

GROUNDED THEORY: ORIGENS, DESDOBRAMENTOS E CORRENTES

As perspectivas iniciais da *grounded theory* foram apresentadas em 1967 por Barney Glaser (1930) e Anselm Strauss (1916-1996) na clássica obra *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Na sua introdução os autores apresentaram a seguinte definição⁵: “a *grounded theory* é um método geral de análise comparativa [...] e um conjunto de procedimentos capazes de gerar [sistematicamente] uma teoria fundada nos dados” (GLASER e STRAUSS, 1967, apud TAROZZI, 2011, p. 17).

Nos anos posteriores à clássica publicação que apresentou a *grounded theory*, Glaser e Strauss direcionaram suas perspectivas teóricas sobre a metodologia de maneiras concernentemente distintas. Escreveram e publicaram outros artigos e livros sozinhos e em conjunto com outros investigadores. Entre os mais conhecidos estão *Theoretical sensitivity* (1978) e *Basics of grounded theory analysis* (1992), de Glaser; *Qualitative analysis for social scientist* (1987), de Strauss, e *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques* (1990), de Strauss e Juliet M. Corbin.

Com as suas perspectivas e abordagens, Glaser e Strauss influenciaram muitos pesquisadores, além de formarem uma nova geração de cientistas sociais, que buscaram e buscam colaborar com o avanço do pensamento acerca da *grounded theory*. Dentre esses, destaca-se Kathy Charmaz, que desenvolveu implicações práticas para aplicar a *grounded theory* sob a forte perspectiva teórica do interacionismo simbólico.

Ela foi ex-aluna de Glaser e ex-orientanda de mestrado de Strauss. É conhecida mundialmente pelo desenvolvimento de sua proposta para a metodologia de seus mestres, denominada “*grounded theory* para o século XXI” ou “*grounded theory* construtivista”. A abordagem de Charmaz figura, juntamente com as de Glaser e Strauss e Corbin⁶, como

a mais celebrada na contemporaneidade, tendo em vista sua intensa conexão com as potencialidades dialógicas do construtivismo para a edificação de teorias substantivas.

GROUNDING THEORY CONSTRUTIVISTA

A linha da *grounded theory* de Charmaz, entre suas características, reconhece que as realidades e os fenômenos estudados são construções coletivas e seus preceitos respondem fortemente à tradição interpretativa e afastam-se plenamente das bases objetivistas da abordagem de seus fundadores - especialmente as de Glaser.

Segundo a autora, a metodologia *grounded* construtivista, fundamentalmente,

serve como um modo de aprendizagem sobre os mundos que estudamos e como um método para a elaboração de teorias para compreendê-los. Nos trabalhos clássicos da teoria fundamentada, Glaser e Strauss falam sobre a descoberta da teoria como algo que surge dos dados, isolado do observador científico. Diferentemente da postura deles, compreendo que nem os dados nem as teorias são descobertos. Ao contrário, somos parte do mundo o qual estudamos e dos dados os quais coletamos. *Nós construímos* as nossas teorias fundamentadas por meio de nossos envolvimento e das nossas interações com as pessoas, as perspectivas e as práticas, tanto passados quanto presentes. Minha abordagem admite, de modo explícito, que qualquer versão teórica oferece um retrato *interpretativo* do mundo estudado, e não um quadro fiel dele (CHARMAZ, 2009, p. 24-25, grifo do original).

A interpretação (e o processo) de Charmaz para a *grounded theory* advoga que o conhecimento é fruto de uma construção conjunta entre o investigador e os indivíduos participantes da pesquisa. As teorias geradas devem partir de dados relevantes, que fornecerão subsídios sólidos para a construção de uma análise eloquente.

De acordo com ela, “os dados relevantes são detalhados, focados e completos. Eles revelam as opiniões, os sentimentos, as intenções e as ações dos participantes, bem como os contextos e as estruturas de suas vidas” (Ibid., p. 30). Tais dados podem ser extraídos e construídos por meio dos mesmos materiais indicados na segunda nota de fim como fundamentais para a execução de uma *grounded theory*, independentemente da vertente segundo a qual ela for desenvolvida.

Por exemplo, uma pesquisa em midiaticização poderá utilizar dados produzidos e extraídos de estudos de caso, de entrevistas individuais em profundidade ou de estudos de caso aplicados a indivíduos nos espaços da recepção de uma mensagem midiática (novela, publicidade etc.). Desse modo, tal estudo pode pretender, por exemplo,

compreender o que acontece com determinados indivíduos em demarcados contextos e situações, posteriormente à leitura dessas mensagens, considerando, obviamente, uma problematização inicial específica definida.

Recomenda-se, com base nas possibilidades acima, que entrevistas sejam gravadas em áudio (mediante autorização dos informantes pesquisados), por exemplo, e depois transcritas para a identificação de dados relevantes que possam suportar os direcionamentos necessários para a construção de um quadro interpretativo sobre o problema estabelecido.

Retornando à discussão sobre a proposta de Charmaz, percebe-se claramente que, para sua vertente da metodologia os dados não são coletados ou descobertos, mas produzidos, gerados. Contudo, cabe indagar: como iniciar a construção desses dados, já que a *grounded theory* não parte de hipóteses pré-estabelecidas nem de objetivos especificamente demarcados, mas sim de uma área de investigação complexa ou de uma problematização aberta e gerativa? Sabe-se que um problema de investigação orienta a utilização das técnicas e dos métodos necessários e condizentes para a extração e produção dos dados. No entanto, com qual bagagem e direcionamento os pesquisadores precisam entrar no campo?

Essas questões são pertinentes, pois buscam principalmente esclarecer indicações na literatura a respeito dessa metodologia que sugerem, por exemplo, que o pesquisador entre no campo desprovido de todo e qualquer conhecimento acerca de seu objeto de pesquisa, assumindo uma postura preventiva para não forçar ou contaminar os dados.

Esse ponto, como já introduzido anteriormente, é considerado um dos mais polêmicos - e para muitos até ingênuo - entre os preceitos fundantes da *grounded theory*. A sua recomendação basilar é que o pesquisador não entre no campo alicerçado em “teorias já existentes e, sim, se fundamenta[e] a partir dos dados da própria cena social sem a pretensão de refutar ou provar o produto de seus achados, mas, sim, acrescentar outras/novas perspectivas para elucidar o objeto investigado” (DANTAS et. al., 2009, p. 2). Atualmente, essa orientação é vista como um equívoco de interpretação das discussões iniciais contidas na obra *The discovery of grounded theory* (GLASER e STRAUSS, 1967).

Roy Suddaby (2006, p. 634-635) discute essa questão - e suas variantes -, vista por ele como um mito baseado em falsas premissas. Ele defende que a *grounded theory* não deve ser desculpa para ignorar a literatura e o conhecimento prévio que um pesquisador

tem sobre o tema de sua investigação. Strauss e Corbin também tentam corrigir esse mal-entendido, esclarecendo que ele se localiza especificamente nos primeiro e segundo capítulos da obra de Glaser e Strauss (1967), onde os autores

enfaticamente a indução devido a seu ataque às teorias especulativas não-fundamentadas. O desejo era focar a atenção dos leitores no valor inestimável das teorias fundamentais para a análise sistemática dos dados. Porém, o livro também enfatizava a interação entre dados e pesquisador, ou seja, os dados em si e a interpretação de significado do pesquisador. Como nenhum pesquisador entra no processo de pesquisa com a mente completamente limpa e vazia, as interpretações são abstrações do pesquisador sobre o que há nos dados. Essas interpretações, que assumem a forma de conceitos e de relações, são continuamente validadas por meio de comparações com novos dados. Os resultados são então validados por meio de comparações com novos dados (STRAUSS e CORBIN, 2008, p. 274).

Esse ponto nevrálgico, esclarecido acima, torna-se ultrapassado na perspectiva da metodologia proposta por Kathy Charmaz, que retomamos neste ponto para buscar responder, à sua luz, as questões lançadas em relação às coordenações de como iniciar a construção dos dados na investigação dessa vertente.

Primeiro, Charmaz reconhece que, antes de iniciar um projeto de pesquisa, tanto os investigadores profissionais quanto muitos estudantes de pós-graduação já possuem um repertório consolidado de suas respectivas áreas. Além de muitos desses indivíduos provavelmente também possuírem certa intimidade com o tema da investigação e com o seu respectivo referencial teórico. Desse modo, com equilíbrio e ética, “podemos iniciar nossos estudos a partir dessas perspectivas privilegiadas, mas precisamos permanecer o mais aberto possível a tudo o que vemos e sentimos nas etapas iniciais da pesquisa” (CHARMAZ, 2009, p. 34).

Segundo, em reforço à resposta da indagação sobre o início do trabalho empírico, ela dá relevo a outro ponto chave, denominado “conceitos sensibilizantes”. Esse conceito foi extraído do arcabouço teórico do interacionismo simbólico, especialmente das teorias de Herbert Blumer (1954, 1969). Blumer (1954, p. 7, tradução nossa) esclarece os conceitos sensibilizantes em contraste com os conceitos definitivos pontuando que

um conceito definitivo se refere precisamente ao que é comum a uma categoria de objetos, com o auxílio de uma definição clara em termos de atributos ou pontos de referências fixos [...]. Um conceito sensibilizante necessita de tais especificações de atributos ou pontos de referências e, conseqüentemente, ele não permite ao pesquisador deslocar-se diretamente à circunstância e a seu conteúdo relevante. Em vez disso, fornece ao pesquisador uma no-

ção geral de senso de referência e orientação para abordar casos empíricos. Ao passo que os conceitos definitivos fornecem prescrições sobre o que ver, os conceitos sensibilizantes apenas sugerem caminhos ao longo do que olhar.

Nessa linha, Charmaz, verticalizando para a *grounded theory*, também reforça que os pesquisadores, quando entram em campo, carregam um considerável repertório conceitual para orientar a busca de respostas aos seus problemas de investigação.

Esses conceitos fornecem ideias a serem investigadas e sensibilizam o pesquisador no sentido de realizar determinados tipos de perguntas sobre o tópico em questão. [...]. Em resumo, os conceitos sensibilizadores e as perspectivas disciplinares fornecem um ponto para começar, não para concluir. Os pesquisadores [...] utilizam os conceitos sensibilizadores como ferramentas provisórias para desenvolverem as suas ideias sobre os processos definidos em seus dados. Se os conceitos sensibilizadores demonstrarem-se comprovadamente irrelevantes, então podemos dispensá-los (CHARMAZ, 2009, p. 34).

Nas discussões sobre os procedimentos da *grounded theory* construtivista, com o início do exercício da coleta de dados - ou, como Charmaz prefere denominar “etapa de construção de dados” -, destaca-se que, paralelamente a esse proceder inicial, também devem ser realizadas análises e codificações dos dados coletados. A codificação nessa metodologia precisa ser entendida para além de

um começo; ela define a estrutura analítica a partir da qual você constrói a análise. [...]. A codificação é o elo fundamental entre a coleta de dados e o desenvolvimento de uma teoria emergente para explicar esses dados. Pela codificação, você define o que ocorre nos dados e começa a debater-se com o que isso significa (Ibid., p. 70).

É cabível também frisar que a literatura indica que não é pertinente coletar todos os dados e somente depois iniciar as etapas de codificação e análises. Esses processos devem ocorrer simultaneamente, privilegiando sempre o retorno e a comparação entre os dados na busca de edificar informações relevantes. Esse proceder é basilar para que uma investigação seja identificada como *grounded theory*.

Nesse sentido, a questão norteadora - que deve apoiar e orientar inicialmente o acesso ao campo e a construção de dados em uma investigação por meio da *grounded theory* - é indicada na clássica questão formulada por Glaser (1978): “What’s going on here?” (O que está acontecendo aqui?). Charmaz valida que essa indagação realizada pelos pesquisadores como orientação nas reflexões iniciais é fundamental para todas as vertentes da metodologia a fim de gerar “a observação daquilo que esteja acontecendo

em quaisquer dos dois níveis: - Quais são os processos sociais básicos? - Quais são os processos psicossociais básicos?” (CHARMAZ, 2009, p. 38).

Com os esclarecimentos supracitados, parte-se agora para o detalhamento dos procedimentos de coleta de dados e da dinâmica da codificação destes para descobrir os processos⁷ que transversalizam uma investigação em *grounded theory*. No entanto, antes é apropriado esclarecer que a amostra substancial em pesquisa *grounded* é teórica, ou seja, é aquela que

visa a buscar dados pertinentes para *desenvolver* a sua *teoria* emergente. O principal objetivo da amostragem teórica é elaborar categorias que constituem a sua teoria. Você conduz a amostragem teórica ao utilizar a amostra para desenvolver as propriedades da(s) sua(s) categoria(s) até que não surjam mais propriedades novas. Assim, você satura as suas categorias com dados e, conseqüentemente, as classifica e representa graficamente para que integrem a sua teoria emergente (Ibid., p. 135, grifo do original).

Isso porque o foco não está no indivíduo, mas em suas ações, experiências, eventos e questões, ou seja, nos dados a serem fornecidos para a construção da teoria. Logo, nessa metodologia, observam-se dois vieses de amostragem que se complementam. O primeiro é a *amostra inicial*, que delibera sobre a participação e o perfil de indivíduos e locais, os quais subsidiarão o início da pesquisa. O outro é a *amostra teórica*, que orienta os caminhos conceituais a serem explorados até a conquista de dados suficientes para apoiar a explicação de suas categorias, resultando assim na “saturação teórica” da pesquisa, ou, como prefere chamar Ian Dey (1999), a conquista da “suficiência teórica” (CHARMAZ, 2009 p. 158).

Na proposta de Charmaz para a *grounded theory* são indicadas três principais codificações: a inicial, a focalizada e a teórica⁸. A codificação inicial fixa-se com rigor aos dados, considerando as ações em cada segmento desses em vez de aplicar categorias preexistentes. De acordo com a autora (Ibid., p.74), durante essa codificação o pesquisador deve questionar: “Esses dados representam o estudo de quê? (GLASER, 1978, p. 57). O que os dados sugerem ou afirmam? Do ponto de vista de quem? Qual categoria teórica esse dado específico indica? (Ibid., 1978)”.

As principais práticas de codificação inicial são “palavra por palavra”, “linha a linha” ou “incidente por incidente”. Ao longo desse processo, intensas expressões manifestadas pelos informantes entrevistados podem ser agregadas potencialmente à teoria de modo literal. Tais expressões são denominadas como códigos *in vivo*.

A segunda fase do processo é a codificação focalizada. Nessa etapa os códigos são mais direcionados e seletivos que os da etapa inicial. Para o seu realizar, são utilizados os códigos iniciais mais significativos e ou frequentes para analisar minuciosamente grandes montantes de dados. Essa codificação exige tomada de decisão sobre quais dados permitem uma compreensão analítica melhor para categorizar os outros dados de modo pleno. Dito de outra forma, nessa etapa definem-se quais dados têm a potencialidade de se coadunar com outros formando uma categoria.

Por fim, a terceira etapa é a codificação teórica. Trata-se de um nível sofisticado de codificação que segue os códigos selecionados na codificação focalizada. Charmaz esclarece que os códigos teóricos produzidos nesse ponto do processo

são integrativos; eles dão um contorno aos códigos focais [...]. Esses códigos podem ajudá-lo a contar uma história analítica de forma coerente. Por isso, esses códigos não apenas conceituam o modo como os seus códigos essenciais estão relacionados, mas também alteram a sua história analítica para uma orientação teórica (CHARMAZ, 2009, p. 94).

É nessa etapa que, segundo Tarozzi (2011), a construção das categorias alcança plenitude e “a teorização procede para a identificação das categorias centrais, os conceitos-chave em torno dos quais se organizará a teoria”. Ainda nessa dinâmica, posteriormente parte-se, enfim, para as etapas de classificação teórica das categorias com o objetivo de encontrar a *core category*, ou seja, a categoria principal, que tenha a potencialidade de “integrar a teoria e desenvolvê-la em torno de seus eixos conceituais, emersos empiricamente” (Ibid., p. 154).

Com a identificação dessa categorial central é viável a produção da representação gráfica (com diagramas ou mapas situacionais) da *grounded theory*, ilustrando a sua integração. Nesse momento, indiscutivelmente, os memorandos redigidos ao longo do processo de construção de dados serão fundamentais para apoiar a integração e o relato dos esquemas conceituais a serem construídos, bem como direcionar a redação final da teoria emersa. O retorno à literatura que suporte conexões, estimule interpretações e desdobramentos conceituais acerca das perspectivas construídas pela *grounded theory* pode também ocorrer com densidade nesse período.

O processo de transformação dos dados em códigos, por exemplo, pode utilizar como base as transcrições de gravações de entrevistas com os informantes da pesquisa, bem como notas de campo etc. Para suportar e colaborar com o gerenciamento e a

manipulação dos dados coletados, recomenda-se o uso, se possível, de softwares como o Nvivo ou o Atlas.ti para apoiar a organização dos dados, a construção de diagramas e de mapas conceituais⁹. No entanto, o uso de softwares não deve neutralizar o capital intelectual do pesquisador na produção de suas análises e interpretações em linha com o quadro teórico de referência de sua investigação.

INCORPORANDO TEMAS ASSOCIADOS À DIVERSIDADE DE MINORIAS NA PESQUISA

Os princípios, práticas e orientações para incorporar temas direcionados a problemas relacionados às minorias, especialmente aqueles associados à diversidade étnica/ racial (raça, etnicidade, classe social/ econômica, nacionalidade ou lugar de origem, etc.) no processo de pesquisas em *grounded theory* são fornecidos por Denise O' Neil Green, John W. Creswell, Ronald J. Shope e Vicki L. Plano Clark (2007). Esses autores argumentam que, com a incorporação de temáticas como a diversidade racial/étnica e outros associados às minorias em pesquisas que utilizem a metodologia *grounded theory*,

os pesquisadores garantem que o *background* racial/ étnico, as experiências e as perspectivas de indivíduos negros [e ou outras minorias] serão valorizadas e abarcadas, em vez de marginalizadas e ignoradas [...]. Pesquisadores de *grounded theory* podem assumir um papel vital na produção de novos conhecimentos que forneçam um contexto cultural para as teorias da ciência social com respeito a diversas populações (GREEN et al., 2007, p. 473, tradução nossa).

Nessa direção, incorporar orientações sobre as minorias em pesquisas que utilizam a *grounded theory*, independentemente da abordagem da metodologia - emergente (Glaser), sistemática (Strauss e Corbin) ou construtivista (Charmaz) - adotada pelo pesquisador, deve seguir seis passos-chave: 1) identificar o problema de pesquisa; 2) desenvolver a questão da pesquisa; 3) coletar ou produzir os dados; 4) analisar/ interpretar os dados; 5) validar os achados; e 6) redigir o texto final da investigação.

A identificação do problema de pesquisa é o primeiro passo, ou primeira oportunidade, para incorporar a temática da diversidade no processo do estudo, dessa forma incluindo-o na pesquisa desde o início. O problema de pesquisa é o foco que motiva a edificação da investigação, ou seja, é a contextualização da dificuldade que os esforços da pesquisa objetivam explorar. Na sua contextualização, em pesquisa em *grounded theory*, é necessário “identificar a teoria ou processo que precisa ser desenvolvido ou

modificado e determinar o nível de importância da diversidade na edificação de seu conceito”. (Ibid., p. 475, tradução nossa).

Para estabelecer o nível de relevância para a diversidade na pesquisa, os pesquisadores podem defini-lo a partir de quatro níveis de importância: primário, complementar, periférico (secundário) e ausente.

A *grounded theory* que assume a importância primária tem seu foco associado à diversidade de uma minoria e a considera central na investigação. Com essa diretriz, desde o início, “todos os aspectos do processo de pesquisa, incluindo a conceitualização, questões de pesquisa, amostra teórica, coleta de dados, análises, redação dos seus resultados” (Ibid.) são influenciados.

Já pesquisas de *grounded theory* que focam na importância complementar não têm a diversidade associada à minoria como central, porém reconhecem certos graus dessa temática. Assim, a diversidade não atravessa todos os aspectos da pesquisa, “mas serve para acentuar no estudo os vários pontos e complementos de sua conceitualização”. (Ibid.).

A importância periférica reflete apenas que a temática da diversidade das minorias funciona como conceito adicional à pesquisa. Dessa forma, é pouco atribuído e valorizado na operação dos procedimentos e técnicas da pesquisa.

O último nível é o ausente, que se expressa quando a temática da diversidade relacionada às minorias tem baixíssima relevância na orientação dos processos da pesquisa. Nos estudos que adotam esse nível de importância, “a diversidade deve naturalmente emergir se ela tem alguma chance de tornar-se uma dimensão central do estudo” (Ibid.).

Com a definição da abordagem da pesquisa e o nível de importância que a diversidade associada à minoria terá na sua construção, o pesquisador pode seguir seu percurso de investigação desenvolvendo suas questões ou questão de pesquisa (e/ou os seus conceitos sensibilizantes) considerando o nível de incorporação de relevância definido.

A atividade de coleta de dados, como indicado, também deve considerar a incorporação da diversidade das minorias, especialmente quando a pesquisa segue as orientações primária e complementar. Green et al. (2007) enfatizam, com base nas orientações de

Creswell (1998), que para pesquisas que escolhem o nível primário, entre as possibilidades de coleta de dados, a técnica de entrevista face a face é o padrão.

Para as pesquisas que têm a diversidade associada a alguma minoria como aspecto complementar, os investigadores devem edificar uma amostra igual dos grupos considerados como informantes da pesquisa operando a construção da amostra teórica de maneira a manter um equilíbrio entre os grupos informantes. Essa estratégia preserva o equilíbrio entre as vozes representadas na investigação não permitindo que as vozes de um grupo com mais informantes ofusquem as experiências de outro grupo, com menor número de informantes. Manter o equilíbrio amostral é um desafio inscrito aos investigadores.

Já para estudos que definem a relevância primária, a construção da amostra, por exemplo,

reflete que a população diversa é mais do que complementar, mas o primeiro objetivo do estudo, tal que o total do número de participantes de minorias [como indivíduos negros pertencentes a diversos grupos e comunidades] seja maior que americanos europeus/ participantes brancos. [...] [Ou seja,] o objetivo é investigar um fenômeno que pertença a um ou mais grupos racial/ étnico (GREEN et al., 2007, p. 481, tradução nossa).

Nos estudos que têm a diversidade como proposta periférica ou ausente, o pesquisador não tem o objetivo de manter um equilíbrio entre os participantes, isto é, não há o cuidado de garantir o balanço entre as vozes de grupos majoritários e minoritários.

A posição (*positionality*)¹⁰ e ou o “lugar de fala” (FRANÇA, 2001; RIBEIRO, 2017) do entrevistador ou da entrevistadora durante a pesquisa é ponto relevante para refletir a incorporação da diversidade no processo de construção da *grounded theory*.

Dessa maneira, Green et al. (2007) ainda alertam que reconhecer e autorrefletir sobre suas posições frente aos indivíduos informantes da investigação é uma atividade relevante para os pesquisadores e para o processo de pesquisa. Considerando essas posições e suas várias dimensões o pesquisador tenderá a um tipo de viés cultural que pauta: “(1) como a entrevista é conduzida, (2) quais tipos de questões são feitas, (3) como a entrevista é registrada, e (4) quais observações são, por fim, feitas (BARNES, 1996)” (GREEN et al., 2007, p. 482, tradução nossa). De modo semelhante, Barnes (1996) pontua que a posição social, isto é, o lugar de fala dos informantes da pesquisa também pode influenciar no enquadramento de suas respostas e em como se comportam na entrevista.

Assim, diante dessas potenciais diferenças de posição social entre pesquisador e pesquisado, cabe ao investigador desenvolver um adequado nível de competência para alcançar a compreensão das experiências dos informantes da pesquisa, especialmente frente às questões acerca da diversidade associada às minorias nesse contexto desafiador. No entanto, se o pesquisador conclui que ele está desprovido de um determinado nível de competência para compreender as perspectivas, valores, opiniões, comportamentos, atitudes etc. de seus informantes, ele deve se esforçar para suprir tal lacuna antes de iniciar o trabalho de campo e a coleta de dados.

Green et al. (2007) sugerem, com base em Morrow et al. (2001), que o pesquisador, para suprir tal lacuna, pode começar aumentando o nível de consciência, conhecimento e habilidades mediante o processo de imersão. Ou seja, deve promover experiências de imersão na cultura dos informantes, o que, por consequência, irá aumentar a sua sensibilidade em relação àquela cultura.

Além da imersão cultural, a igualdade de perfil entre pesquisador e pesquisados, no que tange raça, etnicidade, gênero, classe, idade etc., é indicada como uma opção para reduzir as implicações das diferenças de posição social - por exemplo, os problemas de assimetria em entrevistas inter-raciais (GUNARATNAM, 2003). No entanto, essa igualdade de perfil “não assegura que a simetria será alcançada a fim de facilitar a conexão entre pesquisador e pesquisado (GUNARATNAM, 2003; VICENT e WARREN, 2001)”. (GREEN et al., 2007, p. 483, tradução nossa).

Assegurando esses cuidados antes e durante a etapa de coleta de dados, o pesquisador segue o processo de pesquisa para, com os dados coletados, iniciar as etapas de análise/interpretação e validação desses dados, que também devem ressoar a diversidade da minoria estudada.

Com cuidado e sensibilidade para não forçar os dados, é durante o realizar das etapas de análise/interpretação e validação dos dados

que os vieses culturais, propriedades e crenças dos pesquisadores têm ampla oportunidade para apoiar a edificação dos códigos gerados, interpretações teóricas e a validação da teoria (BARNES, 1996; VICENT e WARREN, 2001) para representar a diversidade ausente, periférica, complementar ou primária. Caso o foco da diversidade seja ausente ou periférica, se for o caso, não é dada atenção para expor esses vieses culturais. Já para aqueles que aplicam o nível complementar ou primário, o pesquisador deveria considerar seus filtros culturais

durante a análise/ interpretação e validação [dos dados] para aumentar a probabilidade de trazer à luz a relevância da diversidade que, de outro modo, poderia passar despercebida, especialmente para pesquisadores novatos. (Ibid.).

Na etapa de validação dos dados da pesquisa, os pesquisadores podem - considerando o manejo de transcrições das entrevistas, códigos elaborados, categorias, esquema explicativo, inclusive as análises/interpretações aplicadas - apresentar os achados da investigação para que grupos de informantes façam uma análise independente visando indicar se o quadro de significados organizados pelo pesquisador com base nos dados coletados consegue refletir as suas experiências.

Outra possibilidade para validação, quando for o caso, é utilizar os membros do grupo de pesquisadores como companheiros questionadores, ou seja, como críticos do processo de pesquisa e dos dados construídos. A formação desse grupo de pesquisadores deve se pautar por considerar perfis variados de seus membros em relação à

raça, etnicidade, gênero, disciplina acadêmica, entender das visões de mundo dos participantes da pesquisa, etc., simplesmente para aumentar as oportunidades de entender as vozes dos participantes da pesquisa (Ibid., p. 485, tradução nossa).

Outra maneira de revisão por pares seria convidar diversos colegas pesquisadores “para fornecer *feedback* para vários pontos, especialmente, sobre a teoria em desenvolvimento e interpretações dos dados (KOMIVES et al., 2005)”. (Ibid.).

Por fim, na etapa da redação final da teoria substantiva, os pesquisadores devem se esforçar para desenvolver um estilo de redação que apresente as experiências, as vozes dos pesquisados, utilizando fragmentos das entrevistas, comentários do pesquisador sobre o processo da pesquisa e informações situacionais, etc. que exponham os contextos culturais sobre os quais os dados foram construídos com base nas experiências dos informantes pesquisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *grounded theory*, entre as metodologias qualitativas (etnografia, fenomenologia, pesquisa narrativa etc.), destaca-se pela sua proposta de gerar teorias substantivas de processos psicossociais e sociais determinados mediante o proceder sistemático de análises comparativas. Desse modo, acredita-se que seu conjunto de procedimentos

e técnicas possam contribuir de modo profícuo com os estudos do campo das ciências da comunicação, que geralmente buscam explorar uma agenda de pesquisa focada nas repercussões de mensagens midiáticas na sociedade.

Nesse sentido, com o levantamento bibliográfico articulado neste artigo, buscou-se demonstrar as potencialidades que essa metodologia qualitativa - principalmente mediante sua abordagem construtivista - pode oferecer para os estudos de midiatização, tendo em vista os seus preceitos, procedimentos e técnicas que valorizam fortemente o processo de interações e trocas entre pesquisador e pesquisado para construções interpretativas pautadas em experiências sociais que tenham como foco explorar temas associados à diversidade de minorias.

Portanto, espera-se que as orientações compartilhadas neste texto estimulem os investigadores do campo a conhecer mais e se aventurar em pesquisas utilizando a *grounded theory*, pois os seus procedimentos e técnicas articulam e oferecem um pertinente caminho metodológico para apoiar a elaboração sistemática de quadros teóricos interpretativos que viabilizam apreender as experiências vividas, eventos e significações produzidas pela dinâmica interacional dos indivíduos com os produtos midiáticos.

REFERÊNCIAS

BARNES, Donelle. An analysis of the grounded theory method and the concept of culture. *Qualitative Health Research*, Thousand Oaks, v. 6, n. 3, p. 429-441, 1996.

BLUMER, Herbert. *Symbolic interactionism: perspective and method*. Berkeley: University of California Press, 1986.

_____. What is wrong with social theory? *American Sociological Review*, Thousand Oaks n. 18, p. 3-10, 1954.

CHARMAZ, Kathy. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. *Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis*. 2. ed. London: Sage, 2014.

CLARKE, Adele. Situational analysis: grounded theory mapping after the postmodern turn. *Symbolic Interaction*, New Jersey, n. 26, p. 553-576, 2003.

_____. **Situational analysis: grounded theory after the postmodern turn.** Thousand Oaks: Sage, 2005.

CRESWELL, John. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches.** Thousand Oaks; London: SAGE, 1998.

COULDRY, Nick ; HEPP, Andreass. Conceptualizing mediatization: contexts, traditions, arguments. **Communication Theory**, New Jersey, v. 23, n. 3, p. 191-202, 2013.

DANTAS, Cláudia de Carvalho; et al. Teoria fundamentada nos dados - aspectos conceituais e operacionais: metodologia possível de ser aplicada na pesquisa em enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 4, ago. 2009.

DEY, Ian. **Grounding grounded theory: guidelines for qualitative inquiry.** San Diego: Academic Press, 1999.

FERNANDES, Eugénia; MAIA, Ângela. Grounded Theory. In: FERNANDES, Eugénia; ALMEIDA, Leandro (Ed.), **Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas.** Braga: Universidade do Minho, 2001.

FRANÇA, Vera. Convivência urbana, lugar de fala e construção do sujeito. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 7, p. 1-10, jul./dez. 2001. Disponível em: <<https://bit.ly/2FwJl5p>>. Acesso em: 12. set. 2018.

GLASER, Barney. **Basics of grounded theory analysis.** Mill Valley: Sociology Press, 1992.

_____. **Theoretical sensitivity.** Mill Valley: Sociology Press, 1978.

GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research.** Chicago: Aldine de Gruyter, 1967.

GREEN, Denise O'Neil ; CRESWELL, John; SHOPE, Ronald; CLARK, Vicki L. Plano. Grounded theory and racial/ethnic diversity. In : BRYANT, Anthony ; CHARMAZ, Kathy (Eds.). **The SAGE handbook of grounded theory.** London: SAGE, 2007. p. 473-492.

GUNARATNAM, Yasmin. **Researching race and ethnicity: methods, knowledge and power.** London: SAGE, 2003.

KOMIVES, Susan; et al. Developing a leadership identity: a grounded theory. **Journal of College Student Development**, v. 46, n. 6, p. 593-611, 2005.

LEITE, Francisco. Raciocínio e procedimentos da Grounded Theory Construtivista. **Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação**, São Leopoldo, v. 3, n. 6, p. 76-85, jul./dez. 2015.

_____. **As brasileiras e a publicidade contraintuitiva: enfrentamento do racismo pela midiática da imagem de mulheres negras.** São Paulo: Alameda, 2017.

MORROW, Susan L., RAKHSHA, Gita e CASTAÑEDA, Carrie L. Qualitative research methods for multicultural counseling. In: PONTEROTTO, Joseph; et al. (Eds.), **Handbook of multicultural counseling.** 2. ed. Thousand Oaks: SAGE, 2001. p. 575-603.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RHOADS, Robert. Crossing sexual orientation borders: collaborative strategies for dealing with issues of positionality and representation. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, Abingdon-on-Thames, v. 10, n. 1, p. 7-24, 1997.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker, 2001.

STRAUSS, Anselm. **Qualitative analysis for social scientists.** New York: Cambridge University Press, 1987.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques.** London: SAGE, 1998.

_____. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SUDDABY, Roy. From the editors: what grounded theory is not. **Academy of Management Journal**, Briarcliff Manor, v. 49, n. 4, p. 633-642, 2006.

TAROZZI, Massimiliano. **O que é grounded theory? Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados.** Petrópolis: Vozes, 2011.

TRINDADE, Eneus; PEREZ, Clotilde. Para pensar as dimensões do consumo midiático: teoria, metodologia e aspectos empíricos. **Contemporânea - comunicação e cultura**, Salvador, v. 14, n. 3, p. 385-397, set./dez. 2016.

WARREN, Simon; VINCENT, Carol. "This won't take long...": interviewing, ethics and diversity. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, Abingdon-on-Thames, v. 14, n. 1, p. 39-53, 2001.

NOTAS

- 1 Esta expressão foi traduzida para o português como “teoria fundamentada”, no entanto, também observaram-se outras variações menos utilizadas como “teoria fundamentada nos dados”, “teoria embasada”, “teoria emergente” ou “teorização enraizada”. Neste trabalho prioriza-se seguir a tendência mundial de utilizar a locução original em inglês, embora em alguns momentos a sua tradução em português possa ser utilizada.
- 2 Segundo Strauss e Corbin (2008, p. 66), “quando dizemos ‘dados’ queremos dizer entrevistas, notas de observações de campo, vídeos, [...], memorandos, manuais, catálogos e outras formas de materiais escritos e ilustrados. (SILVERMAN, 1993). Isolamos os dados e trabalhamos com fotos, palavras, frases, sentenças, parágrafos e outros segmentos de materiais”. Eugénia M. Fernandes e Ângela Maia (2001) agregam ainda os produtos da cultura da mídia como materiais para suportar a construção da teoria.
- 3 Sobre essa discussão ver Leite (2015; 2018).
- 4 De acordo com Eneus Trindade e Clotilde Perez (2016, p. 387), “O termo midiatização tem sua formulação conceitual de forma mais contundente, como hoje o compreendemos, na década de 1980. Isso não significa dizer que ignoramos o uso anterior do termo, que manifesta registros desde a primeira metade do século XX. Mas é só no final do século XX, que pesquisadores do campo comunicacional começam a perceber e redirecionar, no âmbito teórico, o estudo dos estudos dos meios para o estudo da presença dos media na organização e nas práticas (culturais, sociais, políticas econômicas), devido ao espalhamento dos dispositivos comunicacionais, de seus conteúdos e de suas plataformas na vida cotidiana. (COULDRY e HEPP, 2013, p. 191)”.
- 5 Pontua-se que as reflexões deste artigo acompanham a orientação de Massimiliano Tarozzi (2011, p. 18), que considera a grounded theory “fundamentalmente como uma metodologia que contém várias indicações de procedimentos, as quais, porém, assumem diversas declinações, segundo a escola e os autores interessados”.
- 6 Green et. al (2007, p. 472) indicam que as três principais abordagens da grounded theory podem ser definidas como a emergente (GLASER, 1992), a sistemática (STRAUS; CORBIN, 1998) e a construtivista (CHARMAZ, 2014).
- 7 “Um processo é constituído por sequências temporais reveladas que podem apresentar limites identificáveis com inícios e finais claros e marcas de referência entre eles” (CHARMAZ, 2009, p. 24).
- 8 Apesar de Tarozzi (2011) constatar a codificação axial (proposta por Strauss e Corbin) entre os tipos de codificação da vertente de Kathy Charmaz, esta autora relativiza a sua aplicação na pesquisa, indicando-a como opcional. Segundo ela, os investigadores que “preferem trabalhar com uma estrutura pré-fixada acolherão bem a ideia de ter um esquema de organização. Aqueles que preferem diretrizes simples, e conseguem tolerar bem a ambiguidade, não precisam realizar a codificação axial. Estes podem seguir as indicações que definem com base em seus dados empíricos. [...]. As categorias, as subcategorias e as conexões subsequentes refletem o modo como compreendi os dados” (CHARMAZ, 2009, p. 92).
- 9 Segundo Charmaz (2009, p. 163), eles “revelam situações e processos (CLARKE, 2003, 2005). Os mapas conceituais conseguem representar a força relativa ou a fragilidade das relações” construídas na grounded theory.
- 10 Positionality refere-se à posição social do pesquisador, p. e. a classe, raça, gênero, orientação sexual, etc. [...]. O ponto de discutir a positionality é que todo mundo traz suas próprias histórias, posição social e repertório cultural consigo para todas as suas atividades - incluindo o processo de pesquisar [...] (ROADS, 1997, p. 480 apud GREEN et al., 2007, p.482, tradução nossa).

Artigo recebido em: 7 de julho de 2017.

Artigo aceito em: 12 de setembro de 2018.